

Agradei sensibilizado e pedi que me não desamparasse com o necessário auxilio.

Clarencio sorriu e despediu-se.

Então, á face da realidade, absolutamente só no testemunho, comeci a ponderar o alcance da recomendação evangélica e refleti com mais serenidade. Afinal de contas, por que condenar o procedimento de Zélia? E se fôsse eu o viuvo na Terra? Teria, acaso, suportado a prolongada solidão? Não teria recorrido a mil pretextos para justificar novo consórcio? E o pobre enfermo? Como e por que odiá-lo? Não era também meu irmão na Casa de Nosso Pai? Não estaria o lar, talvez, em piores condições, se Zélia não lhe houvesse aceitado a aliança afetiva? Preciso era, pois, lutar contra o egoísmo feroz. Jesus conduzira-me a outras fontes. Não podia proceder como homem da terra. Minha família não era, apenas, uma esposa e três filhos na Terra. Era, sim, constituída de centenas de enfermos nas Câmaras de Retificação e estendia-se, agora, á comunidade universal. Assomado de novos pensamentos, senti que a linfa do verdadeiro amor começava a brotar das feridas benéficas que a realidade me abria no coração.

L

CIDADÃO DE NOSSO LAR

Na segunda noite, sentia-me cansadíssimo. Começava a compreender o valor do alimento espiritual, através do amor e do entendimento reciprocos. Em "Nosso Lar", atravessava dias vários de serviço ativo, sem alimentação comum, no treinamento de elevação a que muitos de nós se consagravam. Bastava-me a presença dos amigos queridos, as manifestações de afeto, a absorção de elementos puros através do ar e da agua; mas, ali não encontrava senão escuro campo de batalha, onde os entes amados se convertiam em verdugos. As meditações preciosas que a palavra de Clarencio me suggerira, davam-me certa calma ao coração. Compreendia, finalmente, as necessidades humanas. Não era proprietario de Zélia, mas seu irmão e amigo. Não era dono de meus filhos e sim companheiro de luta e realização.

Recordei que a senhora Laura, certa feita, me afirmara que toda a criatura, no testemunho, deve proceder como a abelha, azeitando-se das flores da vida, que são as almas nobres, no campo das lembranças, extraindo de cada uma a substancia dos bons exemplos, para adquirir o mel da sabedoria.

Apiquei ao meu caso o proveitoso conselho e comeci recordando minha mãe. Não se sacrificara ela por meu pai, a ponto de adotar mulheres infelizes como filhas do coração? "Nosso Lar" estava repleto de exemplos edificantes. A Ministra Veneranda trabalhava séculos sucessivos pelo grupo espiritual que lhe estava mais particularmente ligado ao coração. Narcisa sacrificava-se nas

Câmaras para obter endôse espiritual, de regresso ao mundo, em tarefa de auxílio. A senhora Hilda vencera o dragão do cume inferior. E a expressão de fraternidade dos demais amigos da colônia? Cláudio me aconsoava com devotamento de pai, a mãe de Lúcia me recebera como filho, Tobias como irmão. Cada companheiro de minhas novas lutas me oferecia algo de útil à construção mental diferente, que se erguia, cêlere, no meu espírito.

Procurei abstrair-me das considerações aparentemente ingratas, que ouvia no ambiente doméstico, e deliberei colocar acima de tudo o amor divino, e, acima de todos, os meus sentimentos pessoais, as justas necessidades dos meus semelhantes.

No meu cansaço, procurei o apartamento do enfermo, cujo estado se agravava de momento a momento, Zélia amparava-lhe a fronte e dizia banhada em lágrimas:

— Ernesto, Ernesto, tem pena de mim, querido! Não me deixes só! Que será de mim se me faltares?

O doente acariciava-lhe as mãos e respondia com imenso afeto, apesar da forte dispnéia.

Roguei ao Senhor energias necessárias, para manter a compreensão imprescindível e passei a interpretar os conjúgos como se fossem meus irmãos.

Reconheci que Zélia e Ernesto se amavam intensamente. E, se de fato me sentia companheiro fraternal de ambos, devia auxiliá-los com os recursos ao meu alcance. Iniciei o trabalho procurando esclarecer os espíritos infelizes que se mantinham em estreita ligação com o enfermo. Minhas dificuldades, porém, eram enormes. Sentia-me abatidíssimo.

Nessa emergência, lembrei certa lição de Tobias, quando me disséra: — "aqui, em 'Nosso Lar', nem todos necessitam do aerobus para se locomoverem, porque os habitantes mais elevados da colônia dispõem do poder de volação; e nem todos precisam de aparelhos de comunicação para conversar a distância, por se manterem, entre si, num plano de perfeita sintonia de pensamentos. Os que se encontrem afinados desse modo,

podem dispor, à vontade, do processo de conversação mental, apesar da distância".

Lembrei quanto me seria útil a colaboração de Narcisa e experimental. Concentrei-me em fervorosa oração ao Pai e, nas vibrações da prece, dirigi-me à Narcisa encarecendo socorro. Contava-lhe, em pensamento, minha experiência dolorosa, comunicava-lhe meus propósitos de auxílio e insistia para que me não desamparasse. Aconteceu, então, o que não poderia esperar.

Passados vinte minutos, mais ou menos, quando ainda não havia retirado a mente da rogativa, alguém me tocou de leve no ombro.

Era Narcisa que atendia sorrindo:

— Ouvi seu apelo, meu amigo, e vim ao seu encontro.

Não cabia em mim de contentamento.

A mensageira do bem fixou o quadro, compreendeu a gravidade do momento e acrescentou:

— Não temos tempo a perder.

Antes de tudo, aplicou passes de reconforto ao doente, isolando-o das formas escuras, que se afastaram como por encanto. Em seguida, convidou-me com decisão:

— Vamos à natureza.

Acompanhei-a sem hesitação, e ela, notando-me a estranheza, acrescentou:

— Não só o homem pode receber fluidos e emití-los. As forças naturais fazem o mesmo, nos reinos diversos em que se subdividem. Para o caso do nosso enfermo, precisamos das árvores. Elas nos auxiliarão eficazmente.

Admirado da lição nova, segui-a silencioso. Chegando a local onde se alinhavam enormes frondes, Narcisa chamou alguém, com expressões que eu não podia compreender. Daí a momentos, cito entidades espirituais atendiam-lhe ao apelo. Imensamente surpreendido, vi-a indagar da existência de mangueiras e eucaliptus. Devidamente informada pelos amigos que me eram totalmente estranhos, a enfermeira explicou:

— São servidores comuns do reino vegetal os irmãos que nos atenderam.

E, á vista da minha surpresa, rematou:

— Como vê, nada existe de inútil na Casa de Nosso Pai. Em toda parte, se ha quem necessite aprender, ha quem ensine; e onde appareça a difficuldade, surge a Providencia. O único desventurado, na obra divina, é o espirito imprevidente, que se condenou ás trevas da maldade.

Narcisca manipulou, em poucos instantes, certa sub-tancia com as emanções do eucalypto e da mangueira, e, durante toda a noite, applicamos o remédio ao enfermo, através da respiração commum e da absorção pelos poros.

O enfermo experimentou melhoras sensiveis. Pela manhã, cedo, o médico observou extremamente surpreendido:

— Verificou-se esta noite extraordinaria reacção! Verdadeiro milagre da natureza!

Zélia estava radiante. Encheu-se a casa de alegria nova. Por minha vez, experimentava grande jubilo na alma. Profundo alento e belas esperanças revigoravam-me o ser. Reconhecia, eu mesmo, que vigorosos laços de inferioridade se haviam rompido dentro de mim, para sempre.

Nease dia, voltei ao "Nosso Lar" em companhia de Narcisca e, pela primeira vez, experimentei a capacidade de volição. Num momento, ganhavamos grandes distancias. A bandeira da alegria desfaldara-se em meu intimo. Comunicando á enfermeira generosa minha impressão de leveza, ouvi-a esclarecer:

— Em "Nosso Lar", grande parte dos companheiros poderia dispensar o aerobus e transportar-se, á vontade, nas áreas de nosso dominio vibratório; mas, visto a maioria não ter adquirido essa faculdade, todos se absterem de exercê-la em nossas vias publicas. Essa abstenção, todavia, não impede que utilizemos o processo longe da cidade, quando é preciso ganhar distancia e tempo.

Nova compreensão e novos júbilos me enriqueciam o espirito. Instruido por Narcisca, ia da casa terrestre á cidade espiritual e vice-versa, sem difficuldades de vulto, intensificando o tratamento de Ernesto, cujas melhoras

se firmaram, francas e rápidas. Clarendo visitava-me, diariamente, mostrando-se satisfeito com o meu trabalho.

Ao fim da semana, chegara ao termo de minha primeira licença nos serviços das Câmaras de Retificação. A alegria tornara aos cônjuges, que passei a estimar como irmãos.

Era preciso, pois, regressar aos deveres justos.

A luz dormente e caridosa do crepúsculo, tomei o caminho de "Nosso Lar", totalmente modificado. Naveguei sete dias rápidos, aprendendo preciosas lições práticas no culto vivo da compreensão e da fraternidade legitimas. A tarde sublime enchia-me de magnos pensamentos.

Como é grande a Providencia Divina! — dizia, a monologar intimamente. Com que sabedoria dispõe o Senhor todos os trabalhos e situações da vida! Com que amor atende a toda a Criação!

Algo, porém, arrancou-me da meditação a que me recolhera. Mais de duzentos companheiros vinham ao meu encontro.

Todos me saudavam, generosos e acolhedores. Lísias, Lascinia, Narcisca, Silveira, Tobias, Salústio e numerosos cooperadores das Câmaras, ali estavam. Não sabia que attitude assumir, colhido assim de surpresa. Foi então que o Ministro Clarendo, surgindo á frente de todos, adiantou-se, estendeu-me a destra generosa e falou:

— Até hoje, André, você era meu pupilo na cidade; mas, doravante, em nome da Governadoria, declaro-o cidadão de "Nosso Lar".

Por que tamanha magnanimidade se meu triunfo era tão pequenino? Não conseguia reter as lagrimas de emoção, que me embargavam a voz. E, considerando a grandeza da Bondade Divina, atirei-me aos braços paternais de Clarendo, a chorar de gratidão e de alegria.